

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS/UECE
DISCIPLINA:LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO
PROFESSORA: DRA. JAQUELÂNIA ARISTIDES PEREIRA
ALUNOS: MARIA SILVIANE DE SOUSA BEZERRA
JOÃO PAULO PEIXOTO DIÓGENES

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO DO
CONTO “UM PROBLEMA DIFÍCIL” DE PEDRO BANDEIRA

FORTALEZA-CE

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO DO CONTO “UM PROBLEMA DIFÍCIL” DE PEDRO BANDEIRA

João Paulo Peixoto Diógenes
Maria Silviane de Sousa Bezerra
(Alunos do Profletras - UECE)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma proposta de sequência didática, aplicável no último ano do ensino fundamental II, em torno do conto “um problema difícil”, de Pedro Bandeira, de acordo com os preceitos de letramento literário de Cosson (2006) e as ideias que embasam a importância do estudo do texto literário na escola enquanto um direito legítimo de todos, de Cândido(2004) e a importância deste na formação de uma sociedade leitora, crítica, autônoma e com ativa participação social, conforme Freire(1994).

PALAVRAS-CHAVE: letramento literário; sequência básica; cidadania.

Considerações iniciais

Na sociedade atual, a palavra escrita ocupa um espaço muito importante, pois, através dela temos o registro da história da humanidade e de várias de suas criações artísticas, como da literatura.

Sendo a leitura um dos instrumentos mais importantes para o crescimento intelectual do homem, uma vez que, virtualmente, todo aprendizado humano se baseia na capacidade de ler, faz-se necessário analisar o processo de ensino de leitura na escola, e perceber como ele está contribuindo para a formação de leitores críticos e criativos, capazes de interpretar o que leem, de atribuir significados, de interagir, julgar e avaliar os textos lidos.

Estando a leitura presente em todo processo de escolarização desde a alfabetização até a universidade, é inegável o seu papel enquanto instrumento político. Concorde-se com a afirmação de Brandão (1997:22): “ A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação sobre os indivíduos, a leitura compreendida, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interagir no mundo e nele atuar como cidadão”. Pode-se dizer que a leitura interfere no contexto político, social, econômico e cultural das sociedades, já que é capaz, por si só, de promover e transformar as coisas, o mundo e a si mesmo.

Várias experiências bem sucedidas mostram que a realização de um trabalho planejado e consciente com a leitura do texto literário em escolas ,tem gerado vários avanços na aprendizagem dos alunos e, ainda mais, a viabilização da efetivação do direito de acesso ao texto literário. Pois, concordamos com Cândido(1989), quando este afirma que o direito à literatura é um direito de todos seres humanos e que deve ser provido desde cedo á criança e garanti-los por toda sua vida. A escola, como espaço de formação do saber deve ser a principal instituição promotora e defensora deste direito.

A escola precisa trabalhar a leitura do texto literário de forma lúdica, não como objeto de entretenimento apenas, mas como algo sério; para, desta forma, propiciar a formação de leitores.

Entretanto, tem se percebido que um dos principais obstáculos para o desenvolvimento de uma cultura leitora do texto literário nas escolas é o conhecimento e a utilização de metodologias, por parte dos professores, que venham a tornar este trabalho significativo e prazeroso para os alunos. Entendemos que a associação do texto literário com a realidade do aluno ou temáticas que despertem o interesse dele é uma via importante para se trabalhar o letramento literário na escola. É nesse sentido que propomos nesse trabalho uma sequência básica de leitura literária baseada em Cosson, em que é possível sistematizar a leitura e dela tirar, o maior proveito possível.

Na referência teórica nos embasamos nos estudos de Pereira(2008), Cândido () e Cosson () e Brandão.

Letramento literário na escola: questões teóricas

A prática de leitura dos alunos da escola pública ainda é uma barreira que precisa ser transposta, afinal, os desafios que se impõem são inúmeros e concorrem com as poucas práticas que as escolas tentam implementar. Quando a leitura é a literária, o desafio se agiganta tendo em vista o próprio contexto histórico em que essas leituras têm sido abordadas nas instituições escolares. Vista, ainda, somente como entretenimento a literatura tem sido incompreendida até, por aqueles que, em tese, deveriam ser seus principais defensores.

Algumas questões históricas permeiam e explicam a desvalorização da leitura literária na escola. Na Antiguidade Clássica, entre gregos e romanos, as atividades de natureza braçal sempre foram destinadas aos escravos e, consideradas de baixo valor social, enquanto que às classes privilegiadas ficava reservado o direito à leitura e à

literatura. Infelizmente essa distinção influencia até hoje o acesso aos objetos culturais na sociedade contemporânea, principalmente, se analisarmos como acontece esse processo de desvalorização da literatura.

Se consideramos, primeiramente, a questão social por trás desse fato veremos que a literatura é muito menos presente nas famílias de baixa renda, e embora, não lançando mão de pesquisa que justifique essa realidade, supomos que isso se dá, tanto pelo nível de escolaridade dessas famílias quanto pela sua condição social de serem, a exemplo dos escravos na Antiguidade, àqueles que executam o trabalho manual. Entendida como a arte da palavra, a literatura é considerada, mesmo por aqueles mais instruídos como uma fonte apenas de prazer e entretenimento, devendo ser reservada, assim, àqueles que usufruem de tempo. Pereira (2008, p.56) reforça essa ideia ao tratar do direito à literatura:

O direito irrestrito aos bens culturais, em especial à literatura, deve ser reservado aos bem nascidos: é uma questão de berço ou deve ser inerente aos bens dotados: é uma questão inata àqueles que possuem um inteligência privilegiada, dom recebido dos deuses, ou é um direito inútil, fatos que e são postos e que não lhes cabe questioná-los. Esse é o sentimento que habita em muitos de nossos alunos e em alguns professores, resquícios de uma mentalidade duplamente colonizada, primeiro pelo processo de colonização europeia e a implantação de um sistema socioeconômico e cultural baseado na divisão de classes[...].

Fica evidente pela fala da autora o quanto essa questão tem suas raízes no contexto histórico do país e como tem sido multiplicada socialmente, no entanto, existem alguns esforços no sentido de desconstruir essas falácias. Autores como Antônio Cândido (2004) tem contribuído incansavelmente no sentido de qualificar a literatura como um “direito inalienável”. “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”. (CÂNDIDO, p.122). Sendo assim, um direito básico que nos garante o desenvolvimento estético e criador a literatura precisa ter na escola espaço garantido no currículo, não apenas como atividade de descontração e como pretexto para o estudo da gramática, mas como objeto primeiro de análise e de leitura.

Alguns estudiosos têm se debruçado sobre essa questão do letramento literário com o intuito de desmistificar algumas questões e fazer chegar aos quatro cantos os verdadeiros benefícios da prática da leitura literária, principalmente, na escola, espaço

por excelência, de acesso a objetos culturais. O principal e mais didático deles, é Rildo Cosson que com o livro “Letramento Literário: teoria e prática” tem feito chegar aos docentes ideias sobre práticas de leitura possíveis de serem realizadas. A principal delas trata-se da *Sequência Básica de Leitura Literária*, que propõe o trabalho com a leitura em quatro etapas distintas, com o intuito de assegurar ao aluno o interesse pela leitura, a partir já do primeiro contato com a temática do texto.

Na segunda parte deste artigo trazemos um modelo dessa sequência a partir do texto “Um problema difícil” de Pedro Bandeira. Nela detalhamos o que o autor propõe para cada etapa da leitura.

Letramento literário na escola: partindo para a prática.

Nessa parte do artigo apresentamos uma sequência básica de leitura, elaborada a partir do conto “Um problema difícil” de Pedro Bandeira. A escolha do gênero e do autor baseou-se no público a quem seria destinado a sequência: 9º ano do ensino fundamental. Considerando o gênero estar previsto no plano anual e o autor ser bastante aceito entre esse público, chegamos a essa escolha:

UM PROBLEMA DIFÍCIL

Era um problema dos grandes. A turminha reuniu-se para discuti-lo e Xexéu voltou para casa preocupado. Por mais que pensasse, não atinava com uma solução. Afinal, o que poderia ele fazer para resolver aquilo? Era apenas um menino!

Xexéu decidiu falar com o pai e explicar direitinho o que estava acontecendo. O pai ouviu calado, muito sério, compreendendo a gravidade da questão. Depois que o garoto saiu da sala, o pai pensou um longo tempo. Era mesmo preciso enfrentar o problema. Não estava em suas mãos, porém, resolver um caso tão difícil. Procurou o guarda do quarteirão, um sujeito muito amigo que já era conhecido de todos e costumava sempre dar uma paradinha para aceitar um cafezinho oferecido por algum dos moradores. O guarda ouviu com a maior das atenções. Correu depois para a delegacia e expôs ao delegado tudo o que estava acontecendo.

O delegado balançou a cabeça, concordando. Sim, alguma coisa precisava ser feita, e logo! Na mesma hora, o delegado

passou a mão no telefone e ligou para um vereador, que costumava sensibilizar-se com os problemas da comunidade.

Do outro lado da linha, o vereador ouviu sem interromper um só instante. Foi para a prefeitura e pediu uma audiência ao prefeito. Contou tudo, tintim por tintim. O prefeito ouviu todos os tintins e foi procurar um deputado estadual do mesmo partido para contar o que havia. O deputado estadual não era desses políticos que só se lembram dos problemas da comunidade na hora de pedir votos. Ligou para um deputado federal, pedindo uma providência urgente. O deputado federal ligou para o governador do estado, que interrompeu uma conferência para ouvi-lo. O problema era mesmo grave, e o governador voou até Brasília para pedir uma audiência ao ministro. O ministro ouviu tudinho e, como já tinha reunião marcada com o presidente, aproveitou e relatou-lhe o problema. O presidente compreendeu a gravidade da situação e convocou uma reunião ministerial. O assunto foi debatido e, depois de ouvir todos os argumentos, o presidente baixou um decreto para resolver a questão de uma vez por todas.

Aliviado, o ministro procurou o governador e contou-lhe a solução. O governador então ligou para o deputado federal, que ficou muito satisfeito. Falou com o deputado estadual, que, na mesma hora, contou tudo para o prefeito. O prefeito mandou chamar o vereador e mostrou-lhe que a solução já tinha sido encontrada. O vereador foi até a delegacia e disse a providência ao delegado. O delegado, contente com aquilo, chamou o guarda e expôs a solução do problema. O guarda, na mesma hora, voltou para a casa do pai do Xexéu e, depois de aceitar um café, relatou-lhe satisfeito que o problema estava resolvido. O pai do Xexéu ficou alegíssimo e chamou o filho. Depois de ouvir tudo, o menino arregalou os olhos:

- Aquele problema? Ora, papai, a gente já resolveu há muito tempo!

Esse texto traz à tona importantes considerações a respeito do sistema burocratizante do nosso país e, de como os adultos, principalmente, os políticos são morosos no sentido de resolver os problemas que se apresentam, afinal, a demora que encontra-se entre os governantes saberem dos problemas da comunidade e solucioná-los, colabora para que as próprias comunidades resolvam seus problemas. De maneira cômica, o autor apresenta a simplicidade desses problemas sob a ótica dos jovens.

De acordo com a proposta de Cosson (2006) a sequência para a leitura do texto literário compõe-se de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A atividade de motivação objetiva aproximar, estreitar a relação do texto com o leitor e pode ou não fazer referência à temática do texto. Em nosso caso, optamos por fazer esse momento já introduzindo os alunos na temática, mesmo que de forma implícita e inserindo-os em uma situação comunicativa real. Aos alunos será dito que terão alguns desafios pela frente: deverão encontrar uma solução para alguns problemas que a escola está vivenciando. Em equipes, cada grupo, receberá uma situação-problema, para qual deverão sugerir uma resolução. As situações são as seguintes:

-A escola, hoje, está com poucos funcionários na cozinha, de forma que, a única merendeira que tem encontra-se exausta. O que vocês sugerem para resolver esse problema?

-As salas de aula são muito quentes e, mesmo com os ventiladores, a situação é muito crítica. O que pode ser feito para amenizar esse problema?

-A escola ainda não tem uma banda de música e o dinheiro que tem chegado à escola não tem sido suficiente para comprá-la. O que pode ser feito para resolver essa situação?

A segunda etapa, a introdução é, segundo Cosson (2012) fundamental para os alunos conhecerem um pouco sobre a vida do autor e sobre a obra: “cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha” (COSSON, 2012. p. 60). Nesse momento da sequência daremos aos alunos a oportunidade de inferirem sobre a leitura que farão, a partir de elementos paratextuais, como as gravuras relativas ao texto e retratos do autor. Com o intuito de apresentar a obra, passaremos em slides gravuras relativas ao texto e levantaremos questionamentos a respeito das inferências que podem ser feitas a partir do que se observa nas imagens. Do que trata o texto? Quais são os personagens? Além disso, serão discutidas informações referentes ao autor, nesse caso, Pedro Bandeira. Estudaremos sobre sua vida e, em que contexto a obra em questão foi escrita. A intenção é que os alunos possam analisar que aspectos podem ser aferidos da obra a partir do estudo da vida do autor. Faremos isso sem apresentar nenhuma imagem do mesmo, pois a ideia é que eles possam identificá-lo, entre três imagens de autores que apresentaremos nos slides.

A terceira etapa é a leitura, propriamente dita, ela é o momento no qual o professor deve mediar reflexões a respeito de dúvidas referentes ao texto. Rocha, Silva e

Corsi (2015, p.604)) asseveram: “A leitura, [...] ocorre com a mediação do professor, com aplicação de atividades, no sentido de verificar se os alunos estão compreendendo a obra, se há problemas de decifração, buscando solucionar quaisquer outras dúvidas dos alunos”.

Dividiremos essa etapa em três momentos. No primeiro deles, os alunos farão uma leitura silenciosa, a ideia é que durante essa leitura, eles possam ir destacando aquelas palavras ou expressões cujos significados desconhecem.

No segundo momento a leitura será feita pelo próprio professor, que dará ao texto as entonações necessárias para um melhor entendimento. Nessa ocasião, os alunos tentarão ir recuperando o significado das palavras e expressões a partir do sentido que adquirem no texto. Caso ainda restem palavras com significados desconhecidos, eles deverão recorrer ao uso dicionário.

Uma terceira leitura será feita de forma dramatizada, mas, para isso eles receberão uma outra versão do texto, dessa vez, em discurso direto. Cada personagem do texto será representado por um dos alunos. Ao final dessas três etapas, faremos uma análise de como cada leitura contribuiu na compreensão do texto.

A interpretação é a quarta e última etapa da sequência básica e refere-se à “parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2012. p. 64). Esse processo se dá em duas etapas. A primeira é a interpretação interior, em que há “o encontro do leitor com a obra” (COSSON, 2012. p. 65), já a segunda é a interpretação exterior, momento em que o leitor irá contextualizar sua leitura.

Nessa etapa de interpretação interior faremos uma análise comparativa entre o que eles apontaram sobre o texto, lá no início na introdução, e o que eles observaram após a sua leitura. Houve semelhanças? Quais as diferenças? Nesse momento, também, trataremos da atividade de motivação, questionando a relação que ela estabelece com a temática do texto.

Para mediar as reflexões acerca do texto faremos os seguintes questionamentos: o título do texto fala de um problema difícil, vocês acham que o problema era mesmo de difícil solução? Por que o autor escolheu políticos como personagens para seu texto? Em que fase da vida vocês acham que estavam os personagens? Que relação podemos estabelecer entre a idade dos personagens e a maneira como eles resolveram o problema? O texto aponta que a solução dada pelo presidente da república foi a criação de um decreto. O que é um decreto? O que você acha que esse decreto dizia? E, como você

acha que a turma do Xexéu resolveu o problema? Ao final do texto o problema é explicitado? Na sua opinião, que problema era esse? Você daria um outro final para o texto?

Essa última pergunta servirá de base para a próxima etapa, que será a interpretação exterior. Cada equipe deverá pensar em um outro final para o texto, escrevê-lo e preparar uma peça teatral para ser apresentada na feira literária da escola.

Considerações Finais

Não temos dúvidas que um trabalho qualificado com o texto literário será fundamental para a formação e desenvolvimento de leitores assíduos e com criticidade e participação social aguçadas. Entretanto, para que isto ocorra, se faz necessário entender que a adoção de práticas lúdicas desse porte na escola exige uma mudança considerável no modelo de escola pública que temos. É necessário que professores e demais atores do processo, repensem e planejem situações didáticas que atendam às necessidades dos alunos, permitindo-lhes o aproveitamento das emoções e as criatividade dos mesmos. “Quem sabe, ensina a quem não sabe, se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem não saiba sobre tudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora”. (FREIRE, 1994:27).

O professor deve se preocupar em realizar um trabalho consciente e planejado com o texto literário em sala de aula, possibilitando ao aluno a interação com o texto e a participação ativa na construção do saber literário.

Assim estaremos contribuindo para a formação de uma escola leitora, democrática, autônoma e que lute pela qualidade de ensino. Desta maneira as classes populares poderão adquirir conhecimentos e habilidades para participar do processo de transformação cultural, política e social.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. Um problema difícil. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/problema-dificil-689865.shtml>. Acesso em 03.10.16

BRANDÃO, M. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo. Cortez, 1992.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo, Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

PEREIRA, Jaquelânia Aristides et al. (Orgs). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

VERSÃO DO TEXTO PARA LEITURA DRAMATIZADA¹

Era um problema dos grandes. A turminha reuniu-se para discuti-lo e Xexéu voltou para casa preocupado. Por mais que pensasse, não atinava com uma solução. Afinal, o que poderia ele fazer para resolver aquilo? Era apenas um menino! Xexéu decidiu falar com o pai e explicar direitinho o que estava acontecendo:

– Pai, estamos com um problema muito grave e precisamos de uma solução.

O pai ouviu calado, muito sério, compreendendo a gravidade da questão. Depois que o garoto saiu da sala, o pai pensou um longo tempo. Era mesmo preciso enfrentar o problema. Não estava em suas mãos, porém, resolver um caso tão difícil. Procurou o guarda do quarteirão, um sujeito muito amigo que já era conhecido de todos e costumava sempre dar uma paradinha para aceitar um cafezinho oferecido por algum dos moradores e explicou:

– Caro amigo, meu filho me apresentou um problema sério que precisa ser resolvido, mas, não está em minhas mãos resolvê-lo.

O guarda ouviu com a maior das atenções. Correu depois para a delegacia e expôs ao delegado tudo o que estava acontecendo:

– Seu delegado, tenho um amigo que tem um filho que o relatou um grande problema que precisa ser resolvido, mas que ele disse que não está em suas mãos resolvê-lo.

O delegado balançou a cabeça, concordando:

– Sim, alguma coisa precisa ser feita, e logo! Na mesma hora, o delegado passou a mão no telefone e ligou para um vereador, que costumava sensibilizar-se com os problemas da comunidade.

Do outro lado da linha, o vereador ouviu sem interromper um só instante. Foi para a prefeitura e pediu uma audiência ao prefeito. Contou tudo, tintim por tintim:

– Senhor prefeito, esse é um problema muito sério que precisa ser resolvido.

O prefeito ouviu todos os tintins e foi procurar um deputado estadual do mesmo partido para

contar

o

que

havia.

O deputado estadual não era desses políticos que só se lembram dos problemas da comunidade na hora de pedir votos. Ligou para um deputado federal, pedindo uma providência urgente:

– Meu querido amigo deputado, o problema é sério e precisa de uma solução urgente.

O deputado federal ligou para o governador do estado, que interrompeu uma conferência para ouvi-lo. O problema era mesmo grave, e o governador voou até Brasília para pedir uma audiência ao ministro.

O ministro ouviu tudinho e, como já tinha reunião marcada com o presidente, aproveitou e relatou-lhe o problema:

– Excelentíssimo, o problema é muito grave, você precisa resolvê-lo.

O presidente compreendeu a gravidade da situação e convocou uma reunião ministerial. O assunto foi debatido e, depois de ouvir todos os argumentos, o presidente baixou um decreto para resolver a questão de uma vez por todas.

Aliviado, o ministro procurou o governador e contou-lhe a solução. O governador então ligou para o deputado federal, que ficou muito satisfeito. Falou com o deputado estadual, que, na mesma hora, contou tudo para o prefeito. O prefeito mandou chamar o vereador e mostrou-lhe que a solução já tinha sido encontrada.

O vereador foi até a delegacia e disse a providência ao delegado. O delegado, contente com aquilo, chamou o guarda e expôs a solução do problema. O guarda, na mesma hora, voltou para a casa do pai do Xexéu e, depois de aceitar um café, relatou-lhe satisfeito

que

o

problema

estava

resolvido.

O pai do Xexéu ficou alegríssimo e chamou o filho.

Depois de ouvir tudo, o menino arregalou os olhos:

– Aquele problema? Ora, papai, a gente já resolveu há muito tempo!